



**NASCIDOS NA ERA DIGITAL:
ENTENDENDO A PRIMEIRA GERAÇÃO DE NATIVOS DIGITAIS**

**Título: *Nascidos na era digital:*
Entendendo a primeira geração de nativos digitais**
Autores: John Palfrey e Urs Gasser
Editora: Artmed
Ano: 2011
Número de Páginas: 352

O livro aqui resenhado, publicado originalmente em 2008 e traduzido para o português em 2011, foi escrito pelo Professor da Harvard Law School John Palfrey e pelo Professor da Universidade of St. Gallen Urs Gasser, e tem a esperança que se considere que a era digital seja uma era maravilhosa para se nascer.

Tendo em vista que as duas instituições de ensino acima referidas estão situadas cada uma de um lado do Atlântico - uma nos Estados Unidos e outra na Suíça - os dois professores gastaram uma enorme quantidade de milhas de voo para trabalharem juntos, além de usarem o espaço cibernético por meio do *wiki* do projeto (que é um *software* colaborativo que permite a edição coletiva de documentos) e também de uma plataforma chamada *Basecamp*, e, ainda, *e-mails*, mensagens instantâneas, o *Facebook* e o *Skype*. Contaram, também, com equipes de pesquisa cujos membros – alguns deles Nativos Digitais – passaram meses no continente oposto.

A obra, que está dividida em treze capítulos, explica, primeiramente, que os Nativos Digitais são aqueles nascidos depois de 1980, quando as tecnologias digitais chegaram *online*, bem como que os principais aspectos das vidas dessa

geração – interações sociais, amizades e atividades cívicas – são mediados pelas tecnologias digitais.

O livro retrata muito bem o mais rápido período de transformação tecnológica que ocorreu na história da humanidade e esclarece que, apesar das tecnologias digitais estarem presentes em muitas culturas, nenhuma geração ainda viveu toda uma vida na era digital.

De acordo com os autores, os Nativos Digitais aprendem como usar um novo *software* rapidamente e estão criando mundos paralelos, como é o caso do *Second Life*. Além disso, a maioria dos Nativos Digitais nunca compra jornal, eles têm acesso às notícias de novas maneiras e em grande variedade de formatos.

Diante desse cenário, a obra demonstra que os pais se preocupam com essa nova geração, mas não são os únicos que temem o impacto da *internet* nos jovens. Os professores estão preocupados com o fato de estarem em descompasso com seus alunos Nativos Digitais, e com o fato da pedagogia do sistema educacional não estar se mantendo atualizada em face das mudanças decorrentes do novo panorama digital.

Os autores esclarecem que a formação da identidade entre os Nativos Digitais é diferente da formação da identidade entre as gerações pré-digitais, no sentido de que há mais experimentação e reinvenção das identidades, bem como que os modos de expressar essa identidade parecem, muitas vezes, aos pais e professores, mais estranhos do que realmente são.

De outra parte, destacam que todas as informações digitais contidas em muitas mãos diferentes, sobre uma dada pessoa, constituem seu dossiê digital, e que mesmo antes de uma criança nascer, o seu dossiê digital já existe em três lugares: em casa, no hospital, onde sua mãe fez o pré-natal e nos arquivos do consultório de seu pediatra. Referem, também, que a proliferação de cópias torna os arquivos digitais extremamente difíceis de administrar e que a maneira como o dossiê digital

emerge demonstra o problema do controle de um indivíduo sobre sua própria identidade na era digital.

Acreditam que a vida dos Nativos Digitais será ainda mais fantástica daqui a vinte anos, tendo em vista que o modo como as tecnologias são usadas e as normas sociais vão continuar a mudar, provavelmente ainda mais rapidamente do que mudaram no passado recente.

Ressaltam que nunca tantas informações sobre qualquer um de nós estiveram tão facilmente acessíveis para tantos, vivamos ou não da maneira como vivem os Nativos Digitais.

Observam que muitos jovens pensam incorretamente que suas conversas *online* são muito mais privadas do que na verdade são e que em nenhum momento da história humana as informações sobre um jovem – sobre ninguém, aliás – estiveram mais livre e publicamente acessíveis a tantos outros.

Acrescentam que os jovens precisariam, portanto, da orientação de seus pais e professores em termos de como navegar pela paisagem digital e proteger suas informações pessoais, mas raramente obtêm essa orientação, visto que os próprios pais e professores ainda não descobriram como lidar com essa questão.

No que diz respeito à segurança, os autores afirmam que o desafio agora é garantir que os jovens tenham as habilidades e as ferramentas necessárias para navegar nos ambientes novos e híbridos de tal forma que se mantenham seguros, tanto *online* quanto *off-line*. Lembram, porém, que não há dados mostrando que os jovens correm mais riscos de abdução ou ataque sexual hoje do que antes da existência da Internet.

O livro revela, ainda, que a *internet* não é a causa do *bullying* virtual, assim como não é a causa básica do perigo que o contato indesejado com adultos constitui para as crianças, esclarecendo que as causas básicas são as mesmas que eram

antes do advento da *internet*, tais como: julgamento inadequado, uma falta de interesse pelo bem-estar dos outros, corrupção humana e assim por diante.

De acordo com a obra, a melhor maneira de evitar os riscos de segurança que os nossos filhos enfrentam na *internet* é combinar uma série de estratégias, utilizando as seguintes ferramentas principais: educação, desenvolvimento da tecnologia, normas sociais e a lei.

Acrescentam os autores, também, que há uma obrigação mínima por parte dos pais no sentido de preparar corretamente o computador para a criança e uma obrigação mínima por parte do operador do *website* de não enviar um conteúdo que uma criança não deveria ter contato.

Outro aspecto relevante abordado é que a explosão de criatividade *online* deu origem às novas formas de expressão, e ressaltam, entretanto, que a reutilização criativa do material de outros pode conduzir a problemas em termos de riscos de violação dos direitos autorais dos criadores.

Palfrey e Gasser acreditam que a grande maioria dos Nativos Digitais está, hoje em dia, violando regularmente as leis dos direitos autorais, já que algumas vezes assistem programas de televisão ou filmes, ilegalmente, pois usam os sistemas criados por outros Nativos Digitais para copiar ou assistir os arquivos. Nesse sentido, esclarecem que muitos Nativos Digitais sabem que o que estão fazendo é ilegal, mas que outros não têm tanta certeza. Seja como for, os autores entendem que a prática é invasiva e que toda uma geração está violando as leis dos direitos autorais enquanto está crescendo, apesar das medidas agressivas – por vezes até desesperadas – tomadas pelos grupos da indústria e pelas forças de segurança para detê-los.

De outra parte, demonstram que nem toda atividade de criatividade *online* envolve a apropriação ou re-apropriação de material de outras pessoas sem permissão expressa, citando que os esforços coletivos de milhares de colaboradores

– muitos deles Nativos Digitais – para criar a maior enciclopédia do mundo, a *Wikipédia*, exemplo mais proeminente da criação de conteúdo colaborativo na *internet*.

Diante disso, os autores esclarecem que os Nativos Digitais realmente necessitam de mais esclarecimentos sobre as questões dos direitos autorais, sobre o que podem e o que não podem fazer com o conteúdo digital.

Outro aspecto abordado pelos Professores John e Urs é a qualidade das informações disponibilizadas na *internet*. De acordo com eles, o problema de usar informações incorretas é tão antigo quanto a própria civilização. Salientam que não há, na história, um sistema de detecção de mentira que possa ajudar muito na separação entre fato e ficção. Por isso, comentam que o advento da *internet* gerou preocupações importantes sobre os desafios que enfrentam os jovens que estão crescendo cercados por tantas fontes de informação e por tantos serviços que permitem alguém se tornar um autor ou um editor, que ficou ainda mais difícil distinguir as boas informações das ruins.

Os autores entendem que a educação é a melhor maneira de ajudar os Nativos Digitais a lidar com o problema da qualidade da informação, visto que os conhecimentos digitais estão se tornando fundamentais para os Nativos Digitais aprenderem. Destacam que essa nova geração, como o restante de nós, precisa desenvolver habilidades para analisar e cruzar as informações antes de confiar nelas.

Embora não haja evidência sólida para colocar o vício em *internet* no topo da lista das coisas com as quais devemos nos preocupar, o livro destaca que os efeitos negativos de se ter demasiadas informações vem a se tornar o que está sendo chamado de *tecno-estresse*.

Palfrey e Urs argumentam que não surpreende o fato da sobrecarga de informações afetar adversamente a aprendizagem. Segundo eles, vários estudos

demonstram que ela reduz a abrangência de atenção das crianças, conduz à frustração e, fundamentalmente, diminui o nível de motivação.

Nesse sentido, explicam que a educação oferece a maior promessa em termos de ajudar os jovens a enfrentar a sobrecarga de informações. Pais e professores, segundo Palfrey e Gasser, têm que trabalhar com as crianças para aprender as habilidades e dominar as ferramentas que elas vão precisar usar durante a vida em uma era digital, destacando que o primeiro passo é a conscientização.

Os educadores podem e devem, de acordo com os autores, desempenhar um papel importante na elevação da consciência em um nível muito básico e podem tornar os pais mais sensíveis à questão da sobrecarga, bem como apresentar sugestões sobre como lidar com a questão em casa.

Outro aspecto abordado na obra é a questão do relacionamento entre o conteúdo violento tornado acessível através de tecnologias digitais e a formação do pensamento e crenças agressivas que podem resultar em comportamento violento de crianças e adolescentes. Pais e professores devem se preocupar, de acordo com a obra, com a conexão entre a violência exibida nas telas dos Nativos Digitais e as consequências no mundo real desse tipo de uso da mídia.

Os autores acreditam que o papel dos educadores é semelhante ao dos pais, mas que os professores podem ser úteis também em ambientes mais formais, ressaltando que programas de letramento midiático bem desenhados podem ajudar a lidar com os efeitos da violência da mídia nas crianças.

Assim, mencionam que os melhores reguladores da violência na nossa sociedade, seja *online* ou não, são os pais e os professores, porque eles são as pessoas mais próximas dos próprios Nativos Digitais.

O livro ressalta, ainda, que os Nativos Digitais são particularmente bons em criar serviços e produtos que vão atrair outros Nativos Digitais, e que estão criando importantes mercados. Revela ainda, que os Nativos Digitais já compõem uma

parte importante e produtiva da força de trabalho e que, assim como pais e professores, os empregadores precisam prestar muita atenção no que essa nova geração está fazendo de maneira diferente, devendo contê-los e dar orientação somente quando eles estiverem claramente metendo os pés pelas mãos, e ceder diante daquilo que eles são capazes de fazer como ninguém.

Para as escolas se adaptarem aos hábitos dos Nativos Digitais e à maneira como eles estão processando informações, os Professores John e Urs acreditam que os educadores precisam aceitar que a maneira de aprender está mudando rapidamente, e que é importante entender essas mudanças. De acordo com os autores, para os Nativos Digitais “pesquisa”, muito provavelmente, significa uma busca no Google mais do que uma ida até a biblioteca.

Esclarecem que o aumento da participação cívica e a abertura do mercado da mídia para novas vozes conduzem a uma maior transparência, significando que os cidadãos, individualmente, têm maior autonomia como atores políticos.

A presente obra além de ser atual e relevante para pais e educadores deste início do século XXI, possibilita um entendimento e reflexões críticas acerca da primeira geração de Nativos Digitais, tanto no que diz respeito à segurança da informação, direitos autorais, mundos virtuais e a questão da identidade diante desse novo cenário que se apresenta, como também implica em desdobramentos que influirão em questionamentos acerca da política, aprendizagem e *bullying*, entre outros.

De leitura agradável e ao mesmo tempo consistente, o livro nos faz refletir sobre a questão da tecnologia no mundo contemporâneo, especialmente no que se refere ao fato da maioria da população nascida na era digital não perceber, ou parecer não perceber, a qualidade da informação como um problema. Por se tratar de uma questão de ingenuidade, ou não, destaca que nem todo conteúdo que está na *internet* é verdadeiro.



Além disso, os autores trazem para debate uma grande questão da atualidade que é o fato de muitos Nativos Digitais, ou mesmo pessoas pertencentes às gerações anteriores, acharem que o conteúdo disponibilizado na rede não tem dono e é de todos, prestando importantes esclarecimentos acerca da pirataria e dos direitos autorais.